

**P. J. BRACKSTON**

**MARIA**  
**E O CASO DAS**  
**GRAVURAS**  
**DESAPARECIDAS**

**UM MISTÉRIO DOS IRMÃOS GRIMM**

*Tradução*

Rodrigo Tavares de Abreu

1ª edição



**BERTRAND BRASIL**

Rio de Janeiro | 2017

# UM

**M**aria franziu a testa para o corpo sem vida do mensageiro esparramado no corredor sobre seu melhor kilim turco. Apenas minutos antes, ele estivera implorando que ela aceitasse o caso de seu amo e lhe passara, com a mão trêmula, uma carta esboçando os fatos principais. Ela estivera no processo de digerir aquilo tudo quando o homem proferira um grito estrangulado, o rosto assumindo um tom descabido de castanho-avermelhado, e caíra morto.

— Maria? Você está bem? — João apareceu junto à porta da cozinha, a espátula erguida pronta para a ação. — Ouvi barulhos curiosos. Achei que pudesse estar se enchendo de caramelos outra vez.

— Sua preocupação é comovente, querido irmão, mas não sinto sequer o cheiro de caramelo há dias. Os sons que você escutou não vieram de mim, mas dele — declarou, apontando para o cadáver.

— Cruzes! Pobre homem. Quem é ele? Digo, quem era ele? E por que está... estava... está usando aquele chapéu horrendo? — João abaixou a espátula.

Maria voltou a decifrar a caligrafia cheia de curvas. A tinta verde parecia ter sido aplicada por um homem de mão trêmula e mente debilitada. O tipo de cliente perfeito, segundo sua experiência. Em seus muitos anos como detetive particular, ela aprendera que era preferível ser contratada por pessoas simplórias e tolas, pois estas se satisfaziam facilmente, deixavam-se levar facilmente e, sobretudo, separavam-se de seu dinheiro facilmente.

— Não posso esclarecer essa predileção em termos de chapelaria, mas posso dizer que ele é... era... um mensageiro agindo em nome de um tal Albrecht Dürer.

As sobranceiras de João se curvaram em confusão.

— O tal artista? Ele não está morto há algum tempo?

— Acredito que você esteja pensando em Albrecht Dürer, o Jovem, e, sim, ele está em seu túmulo há uns duzentos anos, se não me falha a memória. O escritor dessa carta ainda se agarra à vida, embora, a julgar pela caligrafia, não de forma muito firme. Ele assina como “Albrecht Dürer, o Muito Muito Mais Jovem”.

— Ah. Um descendente. Bom. Não gostaria de receber uma carta de uma pessoa morta. Ugh. A mera ideia me dá arrepios. Mas imagino que um cliente seja um cliente. Não se pode ser muito exigente, considerando a quantidade de trabalho que você tem recebido ultimamente, não é mesmo?

— João, você não tem um cogumelo para recheiar em algum lugar?

— O quê? Ah, sim, é bem possível.

— Então sugiro que vá recheá-lo.

— Considere feito. Ele não vai atrapalhar o almoço, vai? — João usou a espátula para gesticular vagamente na direção do mensageiro falecido.

— Quando foi que você me viu deixar os negócios atrapalharem uma boa refeição?

— Verdade. Cantarei à tirolesa quando estiver pronto — garantiu ele, desaparecendo na escuridão vaporosa da cozinha mais uma vez.

Maria observou até seu vulto se perder nos vapores rodopiantes produzidos pelo repolho cozinhando em fogo brando do lado de dentro. Ela nunca deixava de se surpreender com sua capacidade de nutrir sentimentos tão ambivalentes pelo irmão. Além da espaçosa circunferência da barriga dele agir ao mesmo tempo como uma advertência (olhe o que vai acontecer se você comer aquela terceira rosca!) e um encorajamento (pelo menos você não está tão enorme quanto João!), havia muitas memórias e emoções conflitantes e significativas ligadas ao seu único familiar sobrevivente.

Se João não a tivesse levado até a floresta escura tantos anos antes, eles nunca teriam encontrado a casa de pão de mel e, logo, poderiam não ter passado os anos desde então incapazes de ficar uma hora ou duas sem

desejar açúcar. Se ela não tivesse conseguido libertar João das garras da bruxa, ele não estaria vivo para passar o tempo entre a taberna e a cozinha de forma tão despreocupada. Se João não estivesse vivo, Maria seria forçada a entrar na cozinha por conta própria, uma ideia terrível demais para contemplar. Ela teria de gastar um bom dinheiro comendo fora. Ao mesmo tempo, porém, não era pequena a soma que precisava desembolsar para manter João na existência indolente e sem sentido que ele tanto apreciava. No entanto, se Maria insistisse que ele encontrasse outro lugar para morar, era improvável que o irmão sobrevivesse um mês, de tão inocente que era nas questões mundanas. Isso a condenaria a uma vida de indigestão na consciência, um preço alto demais a pagar para se livrar de hábitos irritantes.

Maria voltou a atenção ao mensageiro e à mensagem. Antes de morrer de forma tão inconveniente, ele tinha, embora de modo ofegante, dito a ela claramente que seu amo sentia-se inconsolável por ter algumas obras de arte de valor inestimável roubadas dele. O homem ficara sabendo, a muitos quilômetros dali, na sua cidade natal de Nuremberg, dos talentos de Maria como detetive e desejava contratar seus serviços para recuperar os quadros desaparecidos. Na carta, Herr Dürer havia assinado como membro da Sociedade das Mãos Que Rezam, embora nenhuma explicação útil sobre isso tivesse sido apresentada. O mensageiro condenado declarara adicionalmente que seu empregador estava disposto a pagar o necessário para ter de volta suas preciosas obras de arte. O fato de Maria não conhecer praticamente nada sobre arte não importava. O que importava era o tipo de coisa como “inestimável” e “pagar o necessário”. Tal motivação, tanto da própria Maria quanto de seu cliente em potencial, tornava a probabilidade de um desfecho satisfatório de fato muito grande. Por mais que as alfinetadas de João em relação à escassez de casos recentes a irritasse, ela devia admitir que havia alguma verdade na importância de aceitar novos serviços. O dinheiro parecia sair dos cofres muito mais livremente do que entrava. Mas era necessário manter certos padrões de vida. Certos níveis de luxo apreciados. Certos guarda-roupas reabastecidos.

Tudo isso levava Maria à característica mais atraente do caso ofertado. Ele exigiria uma viagem a Nuremberg, uma cidade renomada por sua cul-

tura, seus artistas e inventores famosos, seu estilo, seu glamour e, portanto, maravilhosa, gloriosa e fabulosamente... suas perucas! A ideia de ser capaz de usar uma peruca penteada e empoada com requinte causava em Maria tal *frisson* de prazer que ela sentiu a necessidade de se deitar um pouco. Felizmente, João anunciou da cozinha que o almoço já seria servido, de modo que ela poderia combinar três de suas coisas favoritas: reclinar-se em sua amada espreguiçadeira, sonhar em vestir as últimas e melhores modas e comer. Assim, passou com leveza por cima do corpo que esfriava à sua frente, concluindo que ele não tinha pressa alguma para ir a qualquer lugar e que, depois de se alimentar, ela lidaria com ele de modo ainda mais eficiente por não ter tentado fazer aquilo com o estômago parcialmente vazio.

Depois de uma hora apreciando um prato particularmente apetitoso de repolho refogado, salsichão branco, cogumelos recheados picantes e batatas — com uma grande quantidade de mostarda, naturalmente —, Maria percebeu que seus pensamentos estavam muito mais claros. No entanto, o que João fornecia de nutrição deixava a desejar no campo da clareza de pensamento e do planejamento sensato.

— Então — começou ele, aconchegando-se em sua poltrona, com a cinta da calça desabotoada, para permitir que sua refeição seguisse seu curso de forma desimpedida, e um charuto novo preso entre os dentes —, você vai mandar chamar nosso querido amigo da Guarda, Kapitan Strudel, diretamente, devo imaginar. Outro cadáver para ele. Eu me pergunto o que ele achará disso. Pode dizer: “Ah-há, o que você tem aqui, Fräulein Maria? Outra pessoa que calhou de morrer sobre o que calhou de ser seu melhor tapete dentro do que calhou de ser a sua casa?” Ele pode dizer isso, não é?

— Pode.

— E pode pensar: “Bem, ora essa, Fräulein Maria parece criar um hábito com esse tipo de coisa. Corpos sempre espalhados pela casa. Que papel a boa Fräulein desempenhou nessa morte, hein?” Ele também pode pensar tudo isso, não é?

Maria estreitou os olhos para João.

— Independente do que o irritante Strudel possa ou não dizer ou pensar, *eu* posso me sentir compelida a bater na sua cabeça com o garfo de fogueira, se não parar com essa conjectura ridícula e sem sentido.

— Ah, nada disso é sem sentido. Afinal de contas, ele *poderia* concluir que você teve algo a ver com a morte do pobre sujeito. Ele *poderia* levá-la para um interrogatório rigoroso e desconfortável. Ele *poderia*, pelo menos, apreciar perturbá-la e humilhá-la pelo maior tempo possível, causando-lhe grande constrangimento, impedindo que você aceitasse o caso e ganhasse uma grana decente e impedindo, também, que comparecesse àquele bendito baile com o qual você alega estar tão animada.

— João, você tem um talento para juntar o óbvio à conjectura e produzir um casamento da mais extrema inconveniência.

— Haha; é fácil para você dizer isso!

Maria abriu a boca para dismantelar ainda mais a hipótese do irmão, mas, em vez disso, encheu-a com uma das cerejas embebidas em kirsch e mergulhadas em chocolate que estavam sobre um prato tentadoramente ao alcance. Enquanto mastigava, refletiu sobre a verdade do que ele dissera. O Kapitan Strudel se ressentia simplesmente da existência de Maria por, entre outros motivos, sua habilidade para solucionar casos em que ele fracassava em fazer o menor progresso. O homem realmente aproveitaria a oportunidade de lhe causar problemas. Ela estava certa de que o mensageiro havia morrido de causas naturais, depois de realizar uma longa e apressada jornada, e as investigações, sem dúvida, revelariam que ele era um homem que não gozava de uma saúde robusta. Nenhum desses fatos impediria Strudel de dificultar a vida de Maria o quanto fosse possível, e ela poderia acabar perdendo a chance de aceitar o caso de Herr Dürer.

E havia o baile. Seu caso anterior tinha sido longo e árduo, mas resultara num pagamento razoável. O elemento mais gratificante de todo o negócio exaustivo e perigoso, no entanto, fora o convite para o baile de aniversário da Princesa Charlotte em seu Schloss de Verão, como convidada pessoal do Über General Ferdinand von Ferdinand. Maria se permitiu um pequeno suspiro de prazer enquanto deixava o nome do vistoso assistente do Rei Julian, o Eminent, correr por sua mente. Ela havia passado muitas horas felizes desde que recebera o convite escolhendo um vestido e sandálias prateadas para a ocasião. Aquele seria o evento da estação, e ela, pelo menos uma vez, compareceria como uma convidada de algum prestígio, vestida para impressionar. Aquela era uma oportunidade que não podia perder.

— O baile — disse ela a João — acontecerá na próxima sexta-feira. Posso certamente adiar a partida para Nuremberg e evitar o pior da interferência de Strudel até o dia seguinte a ele.

— Nuremberg? Demais! Faz uma eternidade que não vou lá. Que divertido!

— João, isso são negócios, não férias. Não posso de forma alguma justificar a despesa de levá-lo comigo.

— Mas, certamente, eu sou seu braço direito, seu amanuense, sua pessoa sem a qual a outra não pode viver...

Maria silenciosamente se amaldiçoou por algum dia permitir que João tivesse uma impressão tão imprecisa de si mesmo.

— Infelizmente, irmão querido, os recursos não se estenderão para um assistente nessa ocasião. A cidade é desastrosamente cara e, além disso, há passagens de carruagem para comprar... et cetera, et cetera.

— Eu não poderia ser parte do et cetera? — Ele tentou encarar a irmã com olhos tristes de filhote de cachorro.

— Pare com isso, João. Você está impedindo que eu aprecie minhas cerejas ao chocolate.

— Hmm, você não vai ganhar nenhuma dessas na cela do Kapitän Strudel.

Ele dobrou os braços de forma petulante sobre o peito e intencionalmente fechou os olhos. Então, pitou seu charuto de forma mal-humorada por cerca de um minuto antes de cair em sono profundo. Logo estava emitindo um ronco brando e ronronado.

Maria avaliou suas opções. Ela poderia enviar notícia de que aceitava o caso, fazer as malas, pegar a carruagem da manhã, evitar qualquer revés relativo ao mensageiro morto e se jogar no trabalho de encontrar as obras de arte desaparecidas, ganhando, dessa forma, um dinheiro muito necessário. Ou poderia marcar uma visita ao salão de beleza da Madame Renoir para ser engomada e polida e encomendar a peruca mais cara que o dinheiro pudesse comprar. Poderia encarar Strudel, suportar o inevitável interrogatório, fazer o máximo para recuperar sua liberdade antes de sexta-feira, comparecer ao baile e, então, partir para Nuremberg. Mas, se o oficial da Guarda não jogasse limpo, ela acabaria mofando numa cela fria durante dias, possivelmente semanas, e perderia o baile e a oportunidade

de ser conduzida numa valsa pelo salão de baile por Ferdinand, só para descobrir que Dürer acabou encontrando outro detetive particular em um canto qualquer.

O que fazer, o que fazer? Maria comeu outra cereja. As coisas começaram a se tornar um pouco mais claras. Ela moveu o prato para seu colo e continuou a mastigar. Strudel não poderia mantê-la presa por mais de uma noite no máximo. Onde estavam as provas do crime? Começou a se sentir confiante em relação ao resultado. Quando acabou de lambar a última migalha de chocolate da porcelana com padrão Delft, estava certa de que tudo ficaria bem no melhor de todos os mundos possíveis.

No dia seguinte, depois de enviar uma espécie de carta de compromisso ao seu cliente potencial, Maria correu até o estabelecimento da Madame Renoir. Ela informara Herr Dürer sobre a morte de seu mensageiro, expressando suas condolências e dizendo-lhe que o corpo ficaria acomodado na funerária local até que mandassem buscá-lo. Maria se esquivara da questão de lidar com os agentes da lei locais ao se organizar para não estar em casa quando a notícia do cadáver de fora da cidade fosse revelada, o que havia exigido adiar a informação a qualquer um até o nascer do sol. João resistira à ideia de ter um convidado morto passando a noite em sua casa, mas Maria simplesmente enchera o irmão de schnapps e, quando ele seguiu para a escada, já passava de meia-noite, com sua mente completamente alheia ao corpo no corredor. Ela tentara suborná-lo durante o café da manhã para que aceitasse ficar em casa e esperar a chegada do agente funerário e do soldado da Guarda, mas, quando João resistiu e Maria argumentou, ele ficou tão confuso que nenhum incentivo foi necessário. No fim das contas, ele apenas obedeceu porque estava perplexo demais para fazer qualquer outra coisa.

O sol brilhava num céu limpo de um azul tão atraente que Maria fez uma anotação para encomendar seda chinesa do mesmo tom no minuto em que recebesse o pagamento do seu novo caso. A ideia de comprar um vestido a animava imensamente. Ela empregaria a esposa do boticário, Frau Klimt, para copiar um dos mais recentes modelos que vira numa ilustração de moda no salão. Um dia, prometeu Maria, ela seria capaz de mandar trazer de Paris um *tailleur* ou vestido Gulley original. Um dia.



Por enquanto, teria de se contentar com uma cópia trazida à vida pelas habilidades consideráveis de Frau Klimt.

Ao caminhar pelas ruas de paralelepípedo de sua pequena cidade natal, Maria se esforçou ao máximo, apenas daquela vez, para não deixar o sentimentalismo açucarado de Gesternstadt acabar com seu humor. As casas de madeira com suas cumeeiras arredondadas, seus beirais generosos, seus vasos floridos nas janelas e sua pintura alegre, as crianças de bochechas rosadas e os avós afáveis e as jovens criadas de olhos brilhantes com trajes pitorescos de camponês apresentavam um retrato de uma vida tão doce, tão confortável, tão agradável, tão absolutamente adorável e implacavelmente animada que Maria tinha vontade de gritar. Muito, muito alto. Durante um minuto e meio. Que felicidade seria passar uma ou duas semanas cercada pela sofisticação de Nuremberg.

— Bom dia, Fräulein Maria! — cantarolou Frau Hapsburg de seu jardim.

Maria acenou com a cabeça para demonstrar que recebera a saudação, sem desejar encorajar uma troca que poderia, que Deus a livrasse, se transformar numa conversa de verdade caso sequer meia chance se apresentasse.

— Belo dia, Fräulein — falou Herr Schmitt, entusiasmado, da porta de sua oficina.

— O tempo parece estar bom para a semana — assegurou Frau Klein, enquanto ela passava pela Kaffee Haus.

— A primavera está no ar, Fräulein Maria — declarou uma mulher que Maria estava certa de nunca ter visto na vida, embora estivesse fazendo mais frio naquele dia do que no dia anterior.

Será que nada abalaria o entusiasmo e a animação dessas pessoas?, ela se perguntava. Se uma calamidade da maior proporção estivesse prestes a atingir toda a cidade, será que seus habitantes esperariam até estarem bem trancados na privacidade dos próprios lares antes de caírem em desespero? Será que todos estavam sob uma espécie de feitiço que os forçava a sorrir como imbecis durante as horas do dia? Ou será que era algo na água que borbulhava desde as montanhas até as bombas e torneiras de Gesternstadt que mantinha todos tão enlouquecedoramente animados? Qualquer que fosse a resposta, Maria muitas vezes se julgava sozinha ao notar a insanidade daquela animação destemida. Com a cabeça abaixada, apressou-se na direção do santuário do salão da Madame Renoir.

— Aaah, Fräulein Maria, *bonjour e beinvenue!*

A Madame Renoir estalou os dedos, e uma garota tirou a jaqueta de sua cliente e pegou seu chapéu. O aroma de unguentos e pomadas caros teve um efeito calmante imediato em Maria. Ela se permitiu ser conduzida até uma cabine e submetida alegremente aos tratamentos que havia solicitado. Teve suas sobrancelhas modeladas, cera aplicada em suas pernas inconvenientemente cabeludas, a pele amassada e ungida com óleos, e o cabelo lavado e aparado. Depois de duas horas de trabalho árduo por parte das moças da Madame Renoir, Maria se viu sentada numa poltrona de veludo cor-de-rosa em frente a um espelho com moldura dourada. Sua nova imagem olhava de volta para ela. Maria apanhou um panfleto exaltando as qualidades e os encantos das perucas feitas pelo renomado peruqueiro de Nuremberg. O fato de ela poder visitar o local de nascimento de tão importante item de moda a empolgava.

Madame Renoir apareceu junto ao seu ombro, carregando uma caixa alta que podia conter apenas uma coisa. Vendo o que Maria lia, ela exclamou:

— Ah! As perucas do Monsieur Albert... que criações! *Alors*, tenho certeza de que a Fräulein não se desapontará com nossa própria coleção. Mais modesta, *oui*, mas ainda assim *très elegant*.

Então, removeu a tampa e, com um floreio, tirou e manteve a peruca erguida. Com pouco menos de um metro de altura, a peça exibia uma confecção gloriosa de fios brancos e prateados presos em espirais e cachos, empilhados uns sobre os outros e fixados aqui e ali com pequenos laços de cetim.

Maria teve dificuldades para recuperar o fôlego. Parcialmente por causa da nuvem de pó que se erguia da coisa, mas principalmente porque considerou aquele o artefato mais esplêndido que ela já pensara em colocar sobre a cabeça.

Reconhecendo arrebatamento quando via e sendo uma vendedora astuta, Madame Renoir acentuou as vantagens da peça:

— O trabalho manual é muito fino, e o acabamento é de excelente qualidade. Os fios prateados... tão delicados... tão lisonjeiros para certos tons de pele... A Fräulein gostaria de prová-la?

A Fräulein assentiu com um entusiasmo capaz de lhe causar uma contusão no pescoço. Ela se preparou. Fechou os olhos. A esteticista abaixou o venerado objeto sobre sua cabeça como se fosse uma coroa real. Maria abriu os olhos. O reflexo diante dela parecia ter sido transformado de uma mulher comum numa Dama da Sociedade. Não importava que ela ainda estivesse com o robe do salão. Não importava que estivesse desprovida de maquiagem. Não importava que o rosto debaixo da peruca fosse o de uma mulher trintona com uma predileção por comida e uma devoção à preguiça denunciadas pela abundância de suas papadas. Com tal peruca, ela estava elevada, renascida em berço de ouro, a epítome da alta moda.

— Ela fica muito bem em você, Fräulein Maria. Apesar, claro, de ela poder ficar um pouco mais alta...?

— Você acha?

— Penteando um pouco para dar volume, um pouco de laquê, talvez um cordão com pequenos sinos de prata...?

— Sinos de prata — ecoou Maria, melancolicamente. — Sim. Sim. Mas não tenho muito tempo. Devo partir para Nuremberg muito em breve.

— Não se preocupe: a peruca será minha prioridade. Estará pronta para ser retirada no fim do dia de hoje. Nuremberg! Como a invejo, Fräulein. Você ficará hospedada no Grand Hotel, sem dúvida.

— Sem dúvida. Quer dizer, claro. Onde mais alguém ficaria?

— Não pode haver outra residência para uma pessoa de qualidade visitando a cidade.

— Exatamente — concordou Maria.

Na verdade, a questão do Grand Hotel tinha lhe ocupado a mente durante a madrugada. Herr Dürer vivia em uma suíte lá, de modo que aquela era a cena do crime que Maria investigaria. Fazia sentido ocupar um quarto na propriedade. Mas — e esse era um grande, gordo e custoso “mas” — tal luxo tinha um preço. Até o momento, nenhum honorário fora combinado, nenhuma despesa fora listada, nenhum contrato de emprego fora alinhavado. Será que Herr Dürer realmente desembolsaria dinheiro suficiente para cobrir uma estada no Grand? Será que Maria podia arriscar ficar sem dinheiro se o caso não resultasse em nada? Ela temia que não. O bom senso lhe dizia que procurasse uma estada mais barata em outro

lugar. Entretanto, se quisesse realmente vivenciar Nuremberg, se quisesse usar a peruca e quisesse ser vista usando-a, precisaria estar no lugar certo, cercada pelo tipo certo de gente.

Quando saiu do salão, Maria ainda se encontrava um pouco agitada em relação às possíveis acomodações. Tanto que, na verdade, quase se esquecerara da incômoda questão do mensageiro morto e do fato de o Kapitan Strudel poder usá-la para lhe causar problemas. O assunto foi trazido de volta à tona por algo que ela viu enquanto dobrava a esquina para entrar na Über Strasse. Herr Schwarz, o agente funerário, metido numa espécie de cabo de guerra envolvendo um caixão, e o Kapitan Strudel. A carroça sobre a qual estava o caixão tinha parado, com Strudel segurando a rédea do cavalo peludo que a puxava.

— O corpo deve ir diretamente para o Quartel General da Guarda! — insistia Strudel, o rosto habitualmente azedo tornado ainda mais repugnante pela indignação. Na verdade, a única característica que poderia tê-lo redimido aos olhos de Maria era a rabugice honesta que o homem perpetuamente exalava, em contraste com o resto dos habitantes de Gesternstadt. Poderia, mas não o redimia de verdade. — Essa é uma morte suspeita — continuou ele —, e, sendo assim, a vítima, pois uma vítima ele é, entra em minha jurisdição.

O agente funerário, que sabia como as pessoas poderiam fazer negócios com outros caso achassem que não podiam confiar os entes queridos falecidos aos seus cuidados, não estava pronto para começar a oferecer corpos a soldados irados da Guarda. Ele sacudiu a cabeça de forma enfática:

— Fui encarregado de remover, abrigar e cuidar do morto. Ele foi entregue a mim na casa da Fräulein Maria e, desse modo, está agora sob minha custódia. Até eu receber instruções que digam o contrário, ele permanecerá na Schwarz, Schwarz & Schwarz.

— Mas *eu* estou lhe dando instruções que dizem o contrário. Essa é uma morte suspeita...

— Você pode continuar dizendo isso, mas tenho um certificado do boticário confirmando que esse desafortunado cidadão de Nuremberg morreu de causas naturais. Nada suspeito foi mencionado.

O agente funerário ergueu as rédeas e encorajou o cavalo sonolento e seguir andando.

Strudel foi forçado a sair da frente, mas continuou a gritar contra o equívoco que estava sendo cometido.

— Fräulein Maria não tem direito de ignorar minha autoridade! — berrou ele. — Vou obter uma intimação ainda esta tarde. A remoção de um corpo de uma cena de crime potencial é um assunto sério. Ela me responderá por isso, e você será apontado como seu cúmplice, junto com aquele irmão simplório dela!

Maria tentou se esconder, com muito pouco sucesso, encostando-se à parede da Kaffee Haus, mas sequer precisava ter se preocupado. O Kapitän Strudel estava tão tomado de fúria que seguiu pela rua sem olhar nem para a esquerda nem para a direita. Assim que ele se Strudel saiu de seu campo de visão, ela correu para casa. Parecia que sua partida se tornara uma questão de certa urgência, e não era uma tarefa fácil mobilizar João para que ele fosse útil. O fato de que ela simplesmente precisaria contar com a ajuda dele era um pouco alarmante, mas necessário. A perspectiva de ser confinada e interrogada pelo oficial era, sob o brilho cruel do sol bávaro, terrível demais para ser contemplada.